

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
CURSO DE PEDAGOGIA

MARIANA CAMAROTTO RODRIGUES

ROCHA POMBO E “O PARANÁ NO CENTENÁRIO (1500-1900)”

MARINGÁ

2011

MARIANA CAMAROTTO RODRIGUES

ROCHA POMBO E “O PARANÁ NO CENTENÁRIO (1500-1900)”

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Pedagogia noturno da Universidade Estadual
de Maringá.

Orientador: Prof. Dra. Maria Cristina Gomes
Machado

MARINGÁ

2011

MARIANA CAMAROTTO RODRIGUES

ROCHA POMBO E “O PARANÁ NO CENTENÁRIO (1500-1900)”

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Estadual de
Maringá.

Orientador: Prof. Dra. Maria Cristina Gomes
Machado

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maria Cristina Gomes Machado
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Analete Regina Schelbauer
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Natalina Francisca M. Lopes
Universidade Estadual de Maringá

Maringá, 21 de Novembro de 2011.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu a vida, que me renova todas as manhãs para que eu tenha forças para seguir minha caminhada.

Aos meus pais, Sônia e Antonio, pelo apoio que sempre me deram durante o curso, por acreditarem em mim e me amarem como amam.

À minha irmã Maristela, pelo companheirismo e incentivo que sempre me deu e pelo amor de irmã que me demonstra.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora Prof. Dra. Maria Cristina Gomes Machado pela paciência e seriedade com que me orientou neste ano e pelos conhecimentos que com ela adquiri neste período.

À Universidade Estadual de Maringá – UEM, aos professores e ao curso de Pedagogia.

Às minhas amigas Larissa e Angélica pelo companheirismo, pela força e pela amizade durante essa jornada.

E em especial para minha companheira de sala Pricila Hirai, por tudo, pelo companheirismo, pela força, pela diversão, pelos puxões de orelha, pela alegria que ela tem e pela positividade que transmite. Te amo amiga.

ROCHA POMBO E “O PARANÁ NO CENTENÁRIO (1500-1900)”

Mariana Camarotto Rodrigues

Maria Cristina Gomes Machado – orientadora

Resumo

Este artigo investiga as contribuições de José Francisco da Rocha Pombo para a educação no Paraná, bem como sua intenção de fomentar o espírito de nacionalidade do leitor, presentes no livro “O Paraná no Centenário (1500-1900)”, escrito em 1900 e reeditado em 1980. Em 1900, por ocasião da comemoração do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, Pombo publicou esta obra, recordando toda a vida e a cultura da comunidade paranaense. Para tanto, apresenta a situação econômica, social, política e educacional do Paraná no final do século XIX e início do século XX, para a melhor compreensão do contexto em que se encontrava o autor ao escrever o seu livro. Neste é possível perceber como o autor pretendia engrandecer o Estado e sua história, priorizando o sentimento de nacionalismo e de amor à pátria. Cita fatos e pessoas que fizeram parte da formação do Estado do Paraná, para que deste modo os paranaenses estivessem sempre prontos a defender sua terra como o fizeram seus antepassados.

Palavras-chave: História. Educação. Fontes e Fundamentos. História do Paraná. Rocha Pombo.

Abstract

This article investigates the contributions of Jose Francisco da Rocha Pombo on education in Parana, in order to foster the spirit of the nationality of the reader, present in the book "O Paraná no Centenário (1500-1900)", (The Paraná in the Centenary) (1500-1900)," written in 1900 and republished in 1980. In 1900, during the commemoration of Fourth Centenary of the Discovery of Brazil, Pombo published this paper pointing out the life and culture of the community of Paraná. For that, he presents the economic, social, political and educational situation of the State of Paraná in the late nineteenth and early twentieth century, for better understanding the context in which the author was writing his book. In that book one can see how the author intended to enhance the State and its history, giving priority the feeling of nationalism and love of country. He cites facts and people who took part in the formation of the State of Parana. For the people of Parana, in this way, could be always ready to defend their land as their ancestors did.

Keywords: History. Education. Sources and Grounds. History of Paraná. Rocha Pombo.

Introdução

Este artigo está voltado para a investigação e estudo do livro “O Paraná no Centenário (1500-1900)” escrito por José Francisco da Rocha Pombo¹ no ano de 1900 e reeditado em 1980, com o intuito de encontrar na obra como o autor pretendia formar o espírito de nacionalidade dos leitores e como ele tratava da instrução popular no Paraná. Esta análise toma como pressuposto o livro deste autor em correlação com a realidade social e política do período em que foi gestado para melhor compreender como se explicava a constituição do estado paranaense e sua especificidade.

Na obra “O Paraná no Centenário”, Pombo destacou sua finalidade pontuando que “Este livro é escrito determinadamente para figurar nas festas do Centenário como se fosse uma nota, espontânea e singela, com que o Paraná quisesse entrar no grande concerto de 1900.” (POMBO, 1980. p. 3). Pombo deixa claro que a festa do centenário era um evento no qual cada Estado da União pudesse deixar um pouco de sua alma, dizer sobre si e seus acontecimentos marcantes.

Para iniciar nosso trabalho, analisa-se o Brasil e o Paraná no período em que o livro estudado foi escrito, o ano de 1900, com o intuito de pontuar como estava o Estado neste período no que diz respeito à política, à economia e à educação. Com isso pode-se entender o contexto histórico em que se encontrava Rocha Pombo ao escrever o livro e entender, talvez, o motivo de englobar ou priorizar alguns assuntos.

Hobsbawn (1990), ao tratar do início do século XX, destaca um movimento internacional de fortalecimento das fronteiras nacionais:

¹ José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, no Paraná, em 4 de dezembro de 1857. Com 18 anos de idade, em 1875, substituiu o pai no magistério, pois a família era numerosa e ele precisava auxiliar na subsistência. Seu primeiro artigo foi escrito nessa época e publicado na Revista Fluminense “A Escola”. Em 1880 seguiu para Curitiba, onde começou a atuar como jornalista. Em 1886 Rocha Pombo foi eleito deputado pela cidade de Castro. Em 1912, aos 55 anos de idade tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro. Nunca abandonou suas ligações com o magistério e uma vez bacharel fez parte da Universidade do Povo fundada por Elísio de Carvalho, como professor de História Geral. No período de 1916-18, atuou como Deputado Estadual eleito pelo Paraná. Em 1900 publicou a obra “O Paraná no Centenário”, a qual temos como objeto de estudo neste trabalho, em 1917, publicou “Nossa Pátria” e o “Dicionário de Sinônimos”. No ano seguinte saíram dois de seus livros “História de São Paulo” e “Notas de Viagens”. Em 1928, publicou sua “História Universal”, seguida da “História do Paraná”. Pombo foi um intelectual típico dos escritores da primeira fase da República. Nascido em Morretes viveu seus primeiros quarenta anos em sua terra natal, participando de toda a sua cultura popular, da cultura intelectual e do cotidiano provinciano. Aos quarenta anos Pombo se mudou para o Rio de Janeiro e lá se incorporou às correntes literárias, à base da cultura provinciana que lhe marcara o espírito. No Rio, Pombo, como intelectual, foi professor, jornalista, romancista, historiador. Incorporou-se ao grupo dos socialistas. (Dicionário histórico - biográfico do Estado do Paraná, 1991).

O conteúdo político e ideológico do nacionalismo passa, então, a apontar outros rumos para os movimentos sociais que se organizavam no país, chamados à defesa da “causa nacional”, de necessária “[...] importância política: mais extremamente, para todos os que exigiam o direito à autodeterminação, [...] o direito de formar um Estado independente destinado a algum grupo nacionalmente definido. (HOBSBAWM, 1990, p. 125).

A situação do Brasil nesse período era de grandes transformações, a expansão do capitalismo contribuiu para que o trabalho escravo fosse substituído pela mão-de-obra assalariada, aumentava o abandono do campo e a procura por moradias nas cidades, por decorrência da industrialização que se instaurava no país, bem como com a entrada de imigrantes de diferentes nacionalidades.

Valfrido Piloto escreve no ano de 1953, um livro intitulado “Rocha Pombo”, que traz algumas informações sobre o referido autor. Neste livro, Piloto enfatiza sobre o livro que se tomou como tema neste trabalho: “[...] o “Paraná no Centenário” (1900), que durante muitos anos foi a melhor resenha do nosso estado [...] e ainda hoje é precioso repositório de informações.” (PILOTO, 1953. p. 28).

O livro que foi tomado como objeto para este estudo aborda a história do Paraná desde o ano de 1500 até o ano de 1900. Foi escrito primeiramente em 1900 e reeditada em 1980. O que se tem em mãos é a 2ª edição que está dividida em vinte e quatro capítulos. Pombo (1980) destacou a História do Paraná no que diz respeito às comemorações, afinal esse livro foi escrito para a comemoração do centenário. Tratou do Brasil e do Paraná desde a chegada dos Portugueses, e a descoberta da terra de Vera Cruz, em seguida esclareceu sobre o descobrimento do Brasil. Relatou o Paraná desde seus primeiros dias, suas características físicas e geográficas, bem como o início do trabalho nas minas e lavouras, a criação da comarca, os primeiros habitantes e o início da administração. Enfatizou como ocorreu a criação da província e a construção das estradas e das estradas de ferro, a implantação das indústrias, companhias, empresas, marcou a criação da imprensa e a instrução popular, como esta se iniciou e como se deu a educação. Para finalizar, Pombo escreveu sobre a situação econômica e financeira após o progresso do Estado, enfatizando a história do Paraná no período em que o livro escrito.

Este estudo justifica-se pela importância de compreender como se dava a educação no início da organização do Paraná republicano, dando ênfase às contribuições de José Francisco da Rocha Pombo para a divulgação de um ideário do que era ser paranaense. Ressalta-se a importância de estudar a história como meio de descobrir e se apropriar do resultado da ação

dos homens no tempo, que se transforma em realidade. A história faz com que deixemos de ver, tudo que existe como algo normal e nos mostra que acontecimentos, instituições, teorias, possuem início, desenvolvimento e até mesmo fim, porém sempre deixando sua marca na história. Eric Hobsbawm (1998), afirma que:

[...] o passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana [...] o passado continua a ser a ferramenta analítica mais útil para lidar com a mudança constante, mas em uma nova forma. (HOBSBAWM 1998, p. 23-30).

Ainda quanto à importância de estudar a história, Saviani (2008, p.4) afirmou o seguinte: “[...] eu não posso compreender radicalmente o presente se não compreender as suas raízes, o que implica o estudo de sua gênese.”

Estudar a história da educação em determinado período, bem como as intenções políticas de personagens desta história é de grande importância por seu caráter esclarecedor. Por permitir uma síntese de como ocorreu a educação em tal momento, fatores que influenciam na educação e na política até o presente momento.

O estudo da história tem sua importância também para a educação, afinal para que se possa ensinar história para os alunos ela precisa ter sido descoberta e explorada. Sem o conhecimento da história seria impossível ensinar como tudo está posto hoje, tudo tem um passado, e o passado permite explicar e entender o presente.

Deste modo, reitera-se que este artigo tem por objetivo investigar o livro “O Paraná no Centenário” de José Francisco da Rocha Pombo e como ele trata da história do estado do Paraná no período de 1500 a 1900, a fim de conhecer os aspectos da educação destacados pelo autor e de que forma ele pretendia formar o espírito nacionalista dos leitores.

Para tanto, essa pesquisa teve caráter bibliográfico, baseada no estudo do livro “O Paraná no Centenário” de Rocha Pombo. A pesquisa se caracteriza como histórica, encontra-se no seu desenvolvimento o estudo de questões econômicas, políticas, sociais e culturais do estado do Paraná no período republicano, o que proporciona o entendimento sobre a educação e o ensino naquele momento de acordo com o autor estudado.

O primeiro passo para a execução deste projeto foi o levantamento bibliográfico de materiais relacionados com o tema apresentado. Com ênfase no livro “O Paraná no Centenário”, procurou-se destacar o que o autor considerava importante quanto à educação da

população paranaense. Na sequência, buscou-se bibliografias que abordem o desenvolvimento do Brasil e do Paraná neste mesmo período.

O presente estudo foi dividido em dois itens, “O Paraná no Centenário no contexto de 1900”, que analisou o Paraná no que se refere à economia, à política, à sociedade e à educação, para a melhor compreensão de como se encontrava o estado no momento em que o texto foi gestado, além disso, fez relação entre o que Pombo escreveu sobre a história do Paraná e como ele se encontrava no período da escrita. O segundo item, “Rocha Pombo e a educação para a formação do espírito de nacionalidade”, fez menção, sobretudo, ao modo como Pombo cuidou de fomentar o espírito de nacionalidade e o amor à pátria do leitor, escrevendo sobre as belezas do Paraná, seus grandes nomes e grandes feitos.

“O Paraná no Centenário” no contexto de 1900

O livro que se tomou como objeto de estudo neste trabalho, como já enunciado, intitula-se “O Paraná no Centenário”. O livro inicia com considerações sobre festas e comemorações, em seguida relatam o descobrimento do Brasil, em especial da região onde se encontra o Estado do Paraná e o seu desenvolvimento até os dias atuais da escrita do livro, o ano de 1900, no que diz respeito à descrição física, cultural, econômica, política, populacional, comercial, industrial, educacional, entre outros aspectos. O livro foi reeditado no ano de 1980 e esta versão é tomado para estudo. A análise do período em que a obra foi escrita permitiu entender melhor como estava o Paraná naquele momento e de que modo a situação do Estado contribuiu para a escrita do livro.

O livro inicia com Brasil Pinheiro Machado (1980) fazendo algumas considerações sobre Rocha Pombo e esta obra:

Em 1900, por ocasião das Comemorações do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, publicou O Paraná no Centenário, onde recorda toda a vida e a cultura de uma comunidade, a sua comunidade, e onde ordenou com calor humano e simpatia as suas lembranças e os seus sonhos de futuro – a lembrança de sua gente. Não é uma obra de história, ‘uma crônica vivenciada, onde as fontes históricas, isto é, os raros documentos citados têm uma função muito secundária em face de sua própria experiência e de sua intensa comunhão com a comunidade. Tem-se a impressão de que, quando fala do passado histórico, não conheceu esse passado como historiador, mas ouviu dos mais velhos, os antigos, toda a tradição de sua gente e a reproduziu filtrada pela sua própria sensibilidade. Mas quando fala do presente – do seu presente recordado – mostra o seu conhecimento quase

total do povo paranaense como uma comunidade cultural. Exatamente, do povo, porque é o povo, e não o herói que nós vamos encontrar como a base de toda a sua visão histórica, quando empreende a obra do historiador. Aí, nesse livro tão significativo, Rocha Pombo recorda a cultura popular, os modos de trabalho da população, os folguedos das classes populares, a criação e o desenvolvimento da cultura intelectual, o caráter das lutas políticas pelo poder local, a renovação social ocasionada pela imigração européia, a construção das estradas de ferro, o sistema da educação, as bibliotecas, os teatros. O resultado é o retrato de corpo inteiro de uma sociedade provinciana com cultura própria, como houve em tantas partes do Brasil, antes que as sociedades locais se transformassem em periferia de um centro cultural e político abstrato. (MACHADO, 1980, p. x-xi).

O livro foi escrito para representar o Paraná nas festas do Centenário como se fosse uma nota, espontânea e singela, com que o Paraná quisesse entrar no grande concerto de 1900. “Augusta cerimônia da nossa vida nacional, pompa sagrada do nosso pátrio amor, parece que a comemoração que se celebra deve assumir as proporções de um hino entusiástico e soleníssimo em que cada Estado da União possa deixar um pouco de sua alma.” (POMBO, 1980, p. 3). Ainda sobre a cerimônia do Centenário, Pombo (1980) destacou:

Seria mesmo para desejar que entre as cerimônias da comemoração se tivesse incluído – como a mais eloquente de todas – uma grande sessão de representantes especiais dos Estados, sessão que teria o valor de um vasto concurso patriótico, de uma demonstração, harmônica e brilhante, de tudo quanto tem de excelente a inteligência e o coração da pátria, exalçada perante a História num dos mais graves momentos da vida do Continente. Poderíamos ter preparado a solenidade reclamando de cada Estado da República, primeiro o seu concurso material, um trabalho tão completo quanto possível, que viesse a ser parte integrante do grande Livro do Centenário. Nesse trabalho, cada Estado daria ao mundo contas da sua vida, assinalaria o esforço com que se tem nobilitado e nos exporia a largos traços a obra em que se consagrou a sua existência de quatrocentos anos. (POMBO, 1980, p. 3).

A ideia da criação do livro “O Paraná no Centenário” surgiu em uma reunião entre alguns paranaenses para discutir o que apresentar na festa do Centenário:

Reunidos a 19 de dezembro último uns quantos paranaenses em um vasto salão, aonde nos levava a idéia de festejar aquela data faustosa para a nossa terra, tive ali a ocasião de referir-me à possibilidade de para as festas do Centenário concorrer o nosso Centro com algum trabalho que desse testemunho do nosso amor à terra natal, ao mesmo tempo que revelasse a situação presente e o grau de progresso em que, sob os diversos pontos de vista, se acha o nosso Estado. Conquanto eu apenas sugerisse os proveitos de um trabalho de tal ordem, sem me julgar capaz de empreendê-lo e levá-lo avante, o Sr. Conselheiro Correia, um cujo peito de sexagenário pulsa ainda o mesmo coração que soube sempre abalar-se ante as belas causas da pátria,

ergueu a sua voz venerável para considerar como um compromisso formal aquela idéia que eu lançava sem absolutamente suspeitar que tão pronto se viesse a converter em intuito forme se todos nós. E então assentamos tudo ali mesmo: eu escreveria o que me fosse possível e o Centro Paranaense tomaria a si a impressão da obra. (POMBO, 1980, p. 4).

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil estava marcado por grandes transformações de caráter social, econômico, educacional e, sobretudo, político, por se encontrar no processo de transição entre o regime imperial para o republicano. O período marcou mudanças na economia, que passou de agrária para industrial, substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre e a vinda dos moradores do campo para as cidades em busca de emprego e moradia. A imigração de trabalhadores de outros países para o Brasil acarretou mudanças drásticas nos setores econômico e social decorrente da difícil adaptação destes aos costumes brasileiros.

No que remete ao Paraná no final do século XIX e início do século XX, este mostrava grandes indícios de um Estado moderno e tecnológico na perspectiva de Rocha Pombo. Encontrava-se, em especial, em Curitiba, grande número de construções novas, fábricas, água, esgoto, arborização e iluminação pública. De acordo com Trindade e Andreazza (2001), “[...] qualquer pessoa que chegasse às cidades paranaenses no período da Primeira República encontraria, em maior ou menor grau, alguns signos da então moderna tecnologia: telégrafo, telefone ou luz elétrica; depois, automóveis e bondes.” (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001 p. 66).

Anteriormente, Rocha Pombo (1980) escreve quanto à aparência do Paraná no início de sua formação, o autor destaca que o território do Estado do Paraná era um lugar muito bonito, com mata fechada, lindas paisagens, acidentes geográficos acentuados e com muitos indígenas, que ali viviam, entre outras características, o que nos permite observar o avanço dessa região se comparada com o exposto sobre o século XX. Segundo Camargo (2006), no final do século XIX e início do século XX:

O Paraná encontrava-se numa situação regular no setor sócio-econômico, em relação à outras províncias. Quanto ao campo político, acabava de sair de uma profunda crise, em decorrência do penúltimo presidente (Balbino Cândido da Cunha) ser um conservador. (CAMARGO, 2006, p. 19).

O crescimento populacional teve grande avanço durante o período sobre o qual Pombo (1980) escreveu em relação ao século XX. De acordo com Pombo (1980) “[...] a população da comarca podia ser avaliada naquele tempo (1850) em cerca de 60.000 almas, sendo 10.000

africanos ou descendentes de africanos escravizados.” (POMBO, 1980, p. 71). No que remete ao século XX, Balhana (1969, p. 245), destaca que “[...] entre 1900 e 1950, o contingente populacional paranaense passou de 327136 para 2115547 habitantes, apresentando um acréscimo de 1788411 pessoas, ou seja, um aumento da ordem de 547%, no período de cinquenta anos.”

O final do século XIX e início do século XX, período em que está situado nosso estudo, foi marcado principalmente pela passagem do Império para a República, porém, esse processo se deu aparentemente de forma tranquila no Paraná pois, a proclamação da República não entusiasmou a população, nem os seus representantes. Os partidos políticos existentes facilmente adaptaram-se ao novo regime, permanecendo praticamente os mesmos chefes.

Sobre isso, Balhana (1969) esclarece que às vésperas da Proclamação da República, que ocorreu em 15 de novembro de 1889, a província do Paraná se mantinha tranquila, o movimento republicano que corria o Império não influenciava a situação política provincial. Portanto, a República se deu no Paraná sem resistência, como se estivesse apenas trocando de Ministério, trocando os políticos.

A Proclamação da República trouxe muitas mudanças para o Brasil e o Paraná no que diz respeito ao setor político, econômico, social e educacional, porém, tais mudanças ocorreram devagar, afinal a da República não entusiasmou os paranaenses logo de início, muitos paranaenses eram monarquistas e o partido republicano não tinha muitos adeptos.

De acordo com Wachowicz (1972), o manifesto de 1870 que defendia as ideias republicanas e que foi divulgado em São Paulo, não teve grande repercussão no Paraná. Os ideais republicanos somente foram pensados neste estado em 1888, quando Vicente Machado, que era o líder em tal período, reconheceu a necessidade de descentralizar a administração do governo, para proporcionar maior autonomia às províncias. Sobre esta questão Wachowicz (1972) destaca:

Vários fatores facilitaram a difusão das ideias republicanas: a velhice do monarca, o isolamento da monarquia brasileira que era a única na América do sul e a indiferença com que os grandes proprietários de terras passaram a tratar a monarquia, após 13 de maio de 1888, quando da abolição da escravatura, que os prejudicou sensivelmente. (WACHOWICZ, 1972. p. 121).

Pode-se observar a participação de Rocha Pombo, no momento em que a República vai se instituindo no Paraná quando Balhana (1969) escreve que:

[...] derrubado o Partido Conservador em julho de 1889, foram até mesmo os seus chefes atraídos pela pregação republicana, ou restaram omissos ante os acontecimentos que se precipitavam. Rocha Pombo assinala, logo após a proclamação da República: “Basta notar o aqodamento com que o Partido Conservador, quase em peso, que estava na ocasião fora do poder, acudiria, em 1889, à ordem: República”. (BALHANA, 1969. p. 187).

A situação do Paraná início do século XX, especialmente, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) era bastante complexa tanto econômica quanto socialmente. Segundo Bezerra (2009), o trabalho escravo foi gradativamente sendo substituído pela mão-de-obra assalariada, houve a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, mudança de uma economia agrária para a industrial. O Estado sofreu consequências pelas restrições impostas ao comércio mundial, como não podia mais contar com produtos importados de outros territórios se viu obrigado a acelerar a industrialização e investir na produção nacional.

De acordo com Galter (2002), o estado, assim como o país, participava ativamente do mercado global e foi afetado pelas mudanças políticas, sociais, econômicas, científicas e tecnológicas que ocorreram no mundo após a guerra, com isso, parte da sociedade que possuía poder de interferir nas decisões pensou ser necessário a modernização dos setores produtivos, das instituições, da cultura e da educação do país para que este pudesse se adequar às novas exigências do capitalismo.

Sobre a economia e os principais elementos econômicos do Paraná desde sua criação, Pombo (1980) escreveu algumas considerações. No início a principal atividade econômica do Paraná era a mineração, porém, chegou um momento em que os paranaenses precisaram procurar outras fontes de renda. A pesca e a lavoura aparecera em seguida e seu sucesso permitiu a criação e desenvolvimento do comércio inter-local. Em seguida, a população voltou-se para o cultivo, o preparo e a exportação da erva-mate, bem como a criação de animais.

De acordo com Pombo (1980), a vida econômica das povoações que iam se formando no Paraná se dava de forma difícil e precária. A falta de comunicação com outras localidades impossibilitava o desenvolvimento do comércio e impedia a criação e o progresso de muitas indústrias que poderiam ter sucesso com tantos elementos que oferecia aquela natureza. Além da falta de estradas que facilitassem o transporte por veículos.

Mesmo com dificuldades a região do Paraná se desenvolvia, o povo reclamava por melhorias e pediam a criação da comarca na região. A comarca da capitania de São Paulo foi criada, portanto, no início do século XIX e era composta pelos municípios de Paranaguá e

Curitiba, “[...] o primeiro ouvidor nomeado para a comarca foi o Dr. Antônio Alvares Lanhas Peixoto.” (POMBO, 1980, p. 69).

Segundo Pombo (1980), Curitiba esteve logo em comunicação mais estreita com São Paulo, por isso e pela excelência do seu clima, reconheceu-se a necessidade de transferir para ali a sede da quinta comarca, mesmo porque era preciso atender de um ponto mais central as povoações que ficavam distanciadas no 1º planalto e nos Campos Gerais. A 19 de fevereiro de 1812 passou, portanto, a sede da ouvidoria para Curitiba.

As aspirações dos povos da antiga Comarca de Curitiba associaram-se por meados deste século os mais altos interesses da política nacional. Preocupado com a situação do Brasil no continente, tendo de encontrar-se em toda a linha de suas extensas fronteiras com quase todas elas, antigas questões sobre limites, tomou o Governo do Império a deliberação de criar, nos pontos em que pareciam mais necessários a vigilância e o testemunho da autoridade imperial, as duas novas províncias: a do Amazonas ao norte, limítrofe com quatro repúblicas, e ao sul, por decreto nº 704, de 29 de agosto de 1853, a do Paraná, desmembrada da Província de São Paulo e compreendendo quase toda a antiga comarca de Curitiba. (POMBO, 1980, p. 74).

Pombo (1980) destacou que o grande problema que envolvia o destino da nova província continuava a ser o da ligação entre os pontos da zona povoada, sobretudo, as comunicações da capital com a marinha, até aquela época reduzidas aos dois caminhos do Arraial e do Itupava, eram a maior preocupação dos povos. Assim que assumiu a administração da nova província, o Conselheiro Zacarias fez baixar um ato mandando que se estudasse o melhor traçado para uma estrada entre Curitiba e Antonina, a estrada da Graciosa.

Pombo (1980) relatou que a conclusão da estrada da Graciosa, em 1873, iniciou um período de renascimento econômico na zona povoada da Província. Esta época marcou o desenvolvimento da cidade de Curitiba, que se tornava a “bela” capital. O tráfego da Graciosa tornou-se logo espantoso, centenas de carroças empregadas na condução de cargas entre o interior e os entrepostos marítimos. Às margens da Graciosa, estabeleceram-se grande número de famílias e povoações. Era muito difícil, em toda a extensão da linha, encontrar dois quilômetros sem moradores. Da Borda do Campo a Curitiba formou-se uma verdadeira rua.

O ano de 1880 assinala o período de mais assombroso desenvolvimento material na antiga província. A construção da Graciosa tinha determinado a necessidade de resolver o problema do povoamento; e a fundação e progresso das numerosas colônias deram um impulso extraordinário a toda a economia interna. O comércio de importação ampliava-se rapidamente e as comunicações com a praça do Rio de Janeiro melhoravam continuamente

com o estabelecimento de novas linhas de vapores. Em breve o comércio paranaense cuidou de libertar-se dos intermediários do Rio, começando a importar diretamente da Europa os artigos de consumo geral. Foi tal o incremento quase súbito que tomaram as transações com o exterior, que a estrada da Graciosa mal suportava o tráfego enorme de veículos ocupados no transporte de mercadorias entre a capital e a marinha; e a conservação dessa grande artéria tornou-se para todas as administrações o mais grave problema. (POMBO, 1980, p. 114).

Percebe-se o quanto o Paraná se desenvolveu desde sua criação até o momento em que Rocha Pombo escreveu a obra e até mesmo nos dias de hoje. Além de todas essas mudanças, o período do final do século XIX e início do século XX foi marcado pela imigração. De acordo com Cánovas (2004), a falta de trabalho, os baixos salários e as condições desfavoráveis em que se encontrava os pequenos proprietários, fez com que trabalhadores europeus viessem para o Brasil à procura de emprego e vida digna.

Desde o século XIX, um grande número de imigrantes se dirigiu para o Brasil no intuito de encontrar emprego e melhores condições de vida, eles se instalaram em colônias de acordo com sua nacionalidade, a instrução era ministrada da mesma forma que em seus países de origem e a língua oficial era a dos imigrantes de cada colônia. Porém, certa desconfiança com relação aos imigrantes começou a surgir, afinal “[...] eram considerados uma ameaça, pelo fato de trazerem o “perigo” suplementar das ideologias revolucionárias – havia preocupação das elites com a questão do controle social e da afirmação da nacionalidade brasileira.” (NASCIMENTO, 2008. p. 16).

Com isso, surgiu a necessidade de tornar os imigrantes os mais brasileiros possível e para isso professores brasileiros passaram a ensiná-los, na intenção de transmitir a eles a cultura e os costumes brasileiros. Acreditava-se que a educação poderia resolver todos os problemas do país, para tanto, faz-se-ia necessário educar o povo, para então o desenvolvimento do país acontecer.

Assim, o Brasil procurava sempre unir o povo no espírito de nacionalismo, assim era preciso que todas as classes sociais tivessem os mesmos ideais. No início do século XX, o nacionalismo e o patriotismo ganharam força no país, para assim legitimar o regime republicano, de modo a iniciar um novo regime político agregando os diferentes entes federativos e fortalecimento de suas fronteiras. Estas foram ameaçadas pelos países vizinhos, bem como enfrentava-se alguns movimentos separatistas internos. A economia era agrária e de exportação de produtos, especialmente, o café, os trabalhadores eram os ex-escravos, os caboclos e os imigrantes.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Brasil passava de uma economia agrícola, de mão-de-obra bruta, para uma acelerada urbanização e expansão da indústria, o que exigia a demanda de trabalhadores especializados, instruídos para trabalharem nas indústrias nascentes.

Tal mão-de-obra era constituída pelos imigrantes que vieram para o Brasil. Porém, esta imigração não foi vista como algo ruim, afinal os trabalhadores especializados que “sobravam” na Europa – os desempregados - faltavam no Brasil. Em se tratando do Paraná, a importância política da imigração pode ser duas ordens:

[...] a primeira, pelo povoamento do território, diversificação das atividades econômicas e decisiva contribuição à urbanização, fatores que cooperam para o crescimento das receitas públicas; a segunda, de se formar no Paraná, como de resto na região Sul como um todo, a primeira classe média do país, segmento que, pela sua simples presença, concorre para a democratização da propriedade e do poder. (MAGALHÃES, 2001, p. 32).

O lado “ruim” da imigração foi a pluralidade de culturas que havia agora no país e no estado. Com relação a isso, Nascimento (2008) defendeu que a única forma de criar uma unidade nacional, uma sociedade com ideias e sentimentos em comum era oferecendo ensino primário para o povo, inclusive aos imigrantes, para com isso criar uma identidade nacional, um espírito de nacionalidade para com o país.

Segundo Ferreira (1988), os imigrantes que vinham para o Brasil se organizavam em colônias, nestas colônias se praticava a escolarização, os costumes e as ideias sociais políticas e religiosas trazidas dos países de origem. Com a implantação da educação para todos seria possível que os costumes e as ideias políticas, culturais e religiosas brasileiras fossem passadas para os imigrantes de modo a “substituir” os conhecimentos que traziam, esta era uma das ideias para a nova formação do ensino no Brasil. Quanto a dificuldade de estabelecer sentimentos nacionalistas, Trindade e Andreazza (2001) escrevem:

A manutenção de formas ancestrais entre os imigrantes não é tributária apenas ao isolamento étnico que favorecia a permanência do idioma e das tradições. Some-se ainda o atendimento escolar, que à falta de efetiva instrução pública, normalmente era efetuado por congregações religiosas provenientes dos países de origem. Isso em muito colaborou para que até a Primeira Guerra Mundial, pela falta de escolas públicas nos locais em que foram instalados, que os imigrantes não se alfabetizassem em português. Na década de 1920, os visitantes de colônias rurais constatavam: “De facto não entendem uma só palavra do que lhes diz por mais usual que seja.” Em outros termos, propiciar formação escolar e religiosa, casas, manter as

tradições, era responsabilidade de cada núcleo étnico. (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001. p. 54-55).

Indícios da imigração são encontrados na obra de Rocha Pombo, este escreveu sobre os primeiros habitantes da região do Paraná que vieram de outros países. De acordo com Pombo (1980), a construção da estrada da Graciosa deu espaço para a entrada de moradores provenientes de países estrangeiros. A primeira colônia fundada foi a do Rio Negro e a segunda foi a de Superaguii, numa ilha da baía de Paranaguá, devida à iniciativa do suíço Carlos Perret Gentil, que ali entrou em 1852. Foram essas as primeiras colônias de estrangeiros, fundadas no Paraná e colaboraram para dar solução ao momentâneo problema do povoamento.

Observa-se que a imigração do final do século XIX e início do século XX e a exposta por Pombo (1980) aconteceu de maneira semelhante. No século XX, com a nova mão-de-obra conquistada, o grande problema a ser enfrentado seria a integração dos imigrantes na sociedade brasileira, afinal, os governantes acreditavam que com o novo regime político implantado e com a nova organização do trabalho o Brasil poderia se igualar às grandes potências econômicas.

Portanto, os intelectuais da época chegaram à conclusão de que para superar os estragos decorrentes da Primeira Guerra Mundial e ter um país semelhante às grandes potências mundiais, um país homogêneo, moderno e civilizado, precisava-se instruir o povo, educar toda a população. Para tanto, difunde-se a ideia de reformar a educação, esta torna-se a principal forma de realizar os ideais de nacionalização, modernização social do país, uma educação capaz de formar o homem, de preparar o homem para o trabalho e para defender seu país.

A maior responsável pela integração dos imigrantes à cultura brasileira, acreditavam ser a educação, por ser um veículo de informação bastante eficaz, capaz de transmitir conceitos e conhecimentos a muitas pessoas de uma só vez, e por alcançar desde crianças e adolescente até adultos.

Rocha Pombo e a educação para a formação do espírito de nacionalidade

À educação era atribuído o papel fundamental de incluir os imigrantes à cultura brasileira, instruir os próprios brasileiros, criando o espírito de nacionalidade em toda a

população, fomentando o amor à pátria, a alma nacional, a cidadania e conquistando os homens para trabalhar pelo progresso do país era uma necessidade fundamental. A esta exigência somava-se a crença de que os imigrantes deveriam se integrar ao país por meio da língua e dos conhecimentos sobre sua nova pátria.

Em relação a isso Magalhães (2001) escreve que:

Particularmente no Paraná, o ensino primário vinha atender à necessidade reconhecida pelos governantes de “abrasileirar” os estrangeiros imigrantes que, ao se estabelecerem principalmente na região Sul, preservavam seus valores e costumes, bem como o idioma de origem. Essas subculturas sempre foram vistas pelas elites de origem lusa como uma ameaça à sua hegemonia. (MAGALHÃES, 2001, p. 24).

A tentativa de tornar os imigrantes o mais brasileiros possível era o principal objetivo paranaense neste momento e a escola era o veículo mais propício para essa tarefa, por seu caráter pedagógico de transmissão de conceitos, valores, leis e regras.

De acordo com Bona Júnior (2005), até o momento da proclamação da República, no Brasil, as famílias é que eram responsáveis pela educação das crianças. Cabia aos pais os ensinamentos básicos para que a criança pudesse crescer e viver no mundo. Porém, após a mudança de regime as elites intelectuais passaram a ver a família como incapaz de exercer tal função com competência e pensaram a escola como substituta para tal fim. A escola foi aos poucos tirando das famílias a condição de educadora de seus filhos. Afinal, não tinham capacidade científica para educar os filhos nem para transmitir o ideário que se pretendia, de progresso e ordem nacionais.

Sobre este projeto de educação escolar, Schmidt (1997), escreve que o mesmo visava a melhoria da educação para as crianças de todos os níveis sociais, tanto aos filhos dos imigrantes como para as crianças que estavam nas ruas, sem ter o que fazer, acreditavam que a salvação dessas crianças só poderia acontecer por meio da educação.

Quanto à educação, Pombo (1980) escreveu desde os primeiros indícios de preocupação com a educação que se teve no Paraná. Mesmo antes da instalação da província em 1853, já se sentia a necessidade de instruir a infância e isto se dava em escolas mantidas pelos pais, o que afirmava que nem todos tinham o acesso a essa instituição. Somente após a instalação da província é que se começa a falar sobre legislação para a educação no Paraná.

A 1ª legislação paranaense deu logo provas de que a instrução popular era a causa de todos. Logo na 1ª sessão dessa legislatura foram criadas mais de 20 cadeiras públicas e decretadas a lei respectiva que o presidente

regulamentou. Em 1861 já havia 39 cadeiras providas, e, em 1865, 46. Nesta época o Presidente Fleury pedia à Assembléia autorização para reformar o regulamento de 1857, apontando-lhe os defeitos capitais que precisavam de ser corrigidos. Entre esses defeitos estava a impossibilidade em que se colocava a administração de prover convenientemente ao ensino subordinada à inamovibilidade dos professores. Queixava-se também o presidente da carência de pessoal apto para o magistério. (POMBO, 1980, p. 120).

A preocupação com a educação se deu, portanto, desde muito cedo no Paraná, após o desenvolvimento da escola primária tem-se também o aparecimento e o sucesso do ensino secundário, e de outras modalidades de ensino, como, música, artes e línguas estrangeiras na perspectiva de Pombo (1980).

Observamos que a escola deveria, na década de 1900, formar alunos inteligentes, capazes de produzir riqueza, tendo consciência de seu valor moral e, sobretudo, de formar o espírito nacionalista dos cidadãos e o amor à pátria. Quanto a isso Nascimento (2008) destacou que:

Nas escolas do Paraná, a formação dos professores e dos alunos estava embasada na ideia de nacionalizar o povo pelo amor à Pátria. A escola apresentava-se com excelente vantagem para a divulgação dessa ideia, cabendo-lhe ensinar todas as crianças a se tornarem cidadãos crentes na nova ordem, sem que nenhuma propaganda ao contrário pudesse abalar os procedimentos de aprendizagem na sala de aula. (NASCIMENTO, 2008, p. 101).

A obra “O Paraná no Centenário” teve, portanto, a missão de representar o Paraná na Comemoração do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, cerimônia esta que deveria “[...] assumir as proporções de um hino entusiástico e soleníssimo em que cada Estado da União [pudesse] deixar um pouco de sua alma.” (POMBO, 1980, p. 3). No livro o autor recordou toda a vida e a cultura da comunidade paranaense, que foi também sua comunidade, organizou com calor humano e simpatia as suas lembranças e os seus sonhos de futuro.

De acordo com Pombo (1980), entre as cerimônias da comemoração almejava-se incluir uma grande sessão de representantes especiais dos estados, sessão que teria o valor de um vasto concurso patriótico, de uma demonstração, harmônica e brilhante, de tudo quanto tem de excelente a inteligência e o coração da pátria, exalçada perante a História.

Pombo (1980) esclareceu que a ideia da criação do livro surgiu em uma reunião entre alguns paranaenses, inclusive ele, a qual fora feita para pensar em como festejar aquela data tão importante para aquela terra, Pombo teve ali a ideia de referir-se à possibilidade de para as festas do Centenário concorrer o Paraná com algum trabalho que desse testemunho do amor à

terra natal, ao mesmo tempo em que revelasse a situação presente e o grau de progresso em que se achava o Estado como explicitado no início deste artigo.

O resultado foi o retrato de uma sociedade provinciana com cultura própria, com lindos pontos e paisagens e nomes que fizeram esse Estado tornar-se importante, como por exemplo o primeiro administrador da Província do Paraná, o Conselheiro Zacarias que fundou a estrada da Graciosa, fator fundamental para o desenvolvimento do estado.

Deste modo, Pombo (1980) apresentou neste livro quão grande era o sentimento dos paranaenses por sua terra, e que mesmo nos momentos difíceis, os paranaenses tinham orgulho de bendizer ao seu estado. “[...] procuramos testemunhar-lhe o que nos vive no coração e mostrar que, mesmo nas situações mais estranhas da vida não há motivos que nos impeçam de dar ao pátrio torrão todo trabalho que possa interessar ao seu tempo.” (POMBO, 1980, p. 5).

Pombo (1980) destacou que a região do Paraná foi um dos primeiros pontos conhecidos e explorados, tanto pela facilidade de navegação quanto pela exuberante beleza da região. O autor deixou claro quão grande era a beleza das terras paranaenses:

É que nós temos: baía mais bela que a partenopéia, cataratas mais admiráveis que as do Nilo e do São Lourenço, panoramas mais augustos que os da Escócia poética e sonhadora. Ah! Filhos do Oriente, podeis confundir-nos com as grandezas da vossa antiguidade sagrada, com as vossas ruínas majestosas, testemunho eterno das vossas glórias passadas. Filhos da Grécia e da Itália, da Inglaterra e da Holanda, podeis orgulhar-vos da opulência do vosso gênio, do esplendor das vossas cidades, dos vossos palácios, dos vossos monumentos de arte e de ciências... Quanto à natureza, tereis de calar-vos: a terra paranaense venceu a vossa terra! Conosco, a Força Criadora foi além de tudo que supúnheis limite dos prodígios criados! (POMBO, 1980, p. 47).

A beleza paranaense tomou um capítulo da obra, o autor descreve seu Estado de forma poética e harmoniosa, no intuito de mostrar aos paranaenses quão beleza sem igual se tinha no local, e quanto deveriam valorizar e lutar pelo estado, criando assim um sentimento de pertencimento a essa terra na qual habitavam:

A nossa baía de Paranaguá é uma das mais vastas e mais belas do mundo; ela poderia abrigar o triplo de todas as esquadras da Europa. Quando se transpõe a barra, sente-se logo que se está chegando a um país excepcional; como um pórtico imenso, um longo peristilo de gigantesca maravilha arquitetural, a baía se dilata a vossos olhos, até confundir-se, nos confins do horizonte, com a fita marítima da costa, verdejante e sugestiva como um país encantado. Para o fundo, a serra se alonga, em massa colossal e informe. Ao fundear

na enseada da Cotinga, tem-se à frente a magnífica planura do rocio, coberta de palmeiras e cajuais; à direita a baía de Antonina, em cujo fundo se acha a cidade, alvejando nos dias claros, sobre o verde-escuro dos montes, como um bando de garças pousadas na praia; e para o lado oposto a foz do Itiberê, a cuja margem, num plano elevado, se ergue Paranaguá, com a sua casaria quase vetusta, com a sua floresta de mastro e velas junto aos cais e com os seus coqueiros viridantes. E então, volvendo para trás, a nossa vista percebe mais clara e mais sensível a amplitude da baía, que se vai perder muito ao longe, mar fora. (POMBO, 1980, p. 47-48).

Além das belezas encontradas no estado paranaense, Pombo (1980) destacou, com grande orgulho, o movimento intelectual que se tinha no Paraná. No ano de 1875 eclodiu um grande movimento intelectual no estado, que contribuiu para a formação das gerações futuras.

Aquele espírito de iniciativa, que dava clube e associações literárias por toda parte, revelava que no seio do povo paranaense agia um novo impulso vigoroso, a arrastar para o convívio do mundo a alma palpitante de uma nova família moral, que se levantava trazendo na frente altiva e serena todos os sinais do belo céu azul, da natureza prodigiosa em cujo meio nascia para a história. E a prova de que assim era, ali nos está apresentando o espetáculo que nos oferece hoje, principalmente a capital paranaense, onde se deve dizer que a vitalidade intelectual é um fenômeno curiosíssimo, digno de estudo, porque dá testemunho irrecusável de que persiste no fundo da nossa raça um elemento que as vicissitudes não mataram, uma grande força viva que a torna capaz das manifestações mais elevadas da cultura humana. É preciso despertar aqui, no centro mais vasto da elaboração espiritual do país, entre os nossos estudiosos mais eminente, é preciso despertar atenção sobre o que se passa no Paraná, incontestavelmente, dos Estados da União Brasileira, aquele onde se faz hoje o mais ativo e fecundo movimento literário. Se excetuarmos esta capital, onde as condições do meio mais amplo favorecem e asseguram uma eclosão mais completa e mais brilhante do gênio nacional, não haverá talvez hoje um ponto do Brasil onde se cultive as pátrias letras com mais esforço e mais sinceridade. (POMBO, 1980, p. 126).

Ele enfatizou que era exatamente essa coragem, essa paixão que fazia tantos prodígios no estado. Nenhum outro estado brasileiro se dedicava tanto às letras quanto o Paraná. Havia ali um grande número de pessoas talentosas e perseverantes capazes de “[...] fazer a integração de um belo período na vida espiritual do país.” (POMBO, 1980, p. 127). Os trabalhos dos estudiosos paranaenses eram de grande valor, publicavam-se livros e “obras dignas”. De acordo com Pombo (1980), no final de 1898 e início de 1899, foram publicados em Curitiba cerca de 10 livros.

De 1885 em diante, um novo elance toma toda a vida intelectual da província, e principalmente em Curitiba aparecem os primeiros sinais do renascimento que vem. Surgiu logo o vulto de Leôncio Correia, poeta e

orador que se tornou por assim dizer o ídolo dos paranaenses. Quando ele apareceu, dizendo versos nos teatros, com todo o calor dos 20 anos, falando às massas nos meetings abolicionistas, nas festas literárias da Arcádia – todo o mundo começou a compará-lo a Castro Alves. (POMBO, 1980, p. 130).

Além de engrandecer o estado, o autor do manual, no decorrer da obra, evidenciava e enfatizava nomes que fizeram parte da formação do Paraná e que de certo modo contribuíram para a escrita dessa história. Como, por exemplo, quando Pombo (1980) escreveu: “Martim Affonso foi incontestavelmente um servido operoso que teve a colônia” (POMBO, 1980, p. 30); ou “O primeiro chefe de exploração, cujo nome figurava na história do Paraná como fundador de diversas povoações, é Theodoro ou Eliodoro Ebano Pereira” (POMBO, 1980, p. 34), ou ainda,

Parece que o primeiro Capitão-mor de Paranaguá foi Gabriel de Lara, outro nome que figurou em primeira plana nos tempos primitivos daquela terra. Este Gabriel de Lara exerceu muitos cargos na antiga comarca de Paranaguá e durante longos anos teve grande influência nos destinos das primeiras povoações. Por cerca de 1670, era ele capitão-mor de Paranaguá e em 1669 ainda era ouvidor da comarca. Foi sob Gabriel de Lara que se levantou o pelourinho – símbolo da autoridade naqueles tempos – tanto em Paranaguá como em Curitiba. (POMBO, 1980, p. 35).

Pode-se observar, portanto, que Rocha Pombo procurou de maneira singela e sutil mostrar aos paranaenses o quanto seu estado era digno de ser valorizado e defendido e quantas pessoas lutaram para que o Estado pudesse ser visto como um lugar de beleza exuberante e figuras patriotas, capazes de defender seu estado e lutar por ele, como um exemplo a ser seguido.

Esse livro não foi escrito para uso escolar e sim para leitura livre, todavia permitiria a seus leitores o conhecimento sobre o Paraná, sua economia, política, história e geografia. Para uso nas escolas Rocha Pombo escreveu um livro intitulado “História do Paraná” – Resumo Didático. Este é um manual didático elaborado para a utilização nas aulas de história do Paraná que traz toda a história do Paraná desde a descoberta das terras de Vera Cruz até o momento em que o livro foi escrito, o ano de 1928.

Conclusão

Pode-se concluir, por meio desta pesquisa, que o período que corresponde à década de 1900, o qual se tomou como referência neste artigo, foi uma época de muitas mudanças no Brasil e no Paraná, transformações de cunho econômico, político, social e, sobretudo, educacional decorrentes de vários fatores, como por exemplo, os imigrantes que se dirigiram para o Brasil, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as reformas no sistema de ensino, entre outros fatores.

O serviço, antes escravo, tornou-se assalariado e livre, trabalhadores estrangeiros imigravam para o Brasil à procura de emprego e vida digna, os moradores do campo se mudaram para as cidades, a educação, antes restrita a uma classe determinada, precisava ser oferecida para todos e era pensada como dever do Estado, com professores mais preparados, estrutura adequada e com o dever de formar o cidadão para o trabalho e para o exercício da cidadania, fomentando o espírito de nacionalidade e o amor à pátria dos alunos em idade escolar, para que ao tornarem-se adultos pudessem amar e defender seu estado, no caso o Paraná, e seu país.

Neste cenário de mudanças, portanto, Rocha Pombo escreveu “O Paraná no Centenário”, livro planejado para representar o Paraná em uma das festas mais importantes do período, a comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, festa esta em que cada estado brasileiro deveria de alguma forma mostrar a história de sua terra, as benfeitorias, os acontecimentos marcantes e os nomes que contribuíram para o bom desenvolvimento de cada Estado federado.

Para representar o Paraná pensou-se em desenvolver um “[...] trabalho que desse testemunho do nosso amor à terra natal, ao mesmo tempo em que revelasse a situação presente e o grau de progresso em que, sob os diversos pontos de vista, se acha o nosso Estado.” (POMBO, 1980, p. 4). Este trabalho tratou da formação do Estado do Paraná desde a chegada dos portugueses em terras brasileiras, a colonização, os primeiros povoados, o desenvolvimento da economia, da instrução pública, entre outros fatores que tornaram o Paraná um estado desenvolvido, de grandes belezas e pessoas que de alguma forma colaboraram para essa realidade como demonstrado no decorrer deste artigo.

Observa-se na obra de Rocha Pombo, sobretudo, sua intenção de fomentar o espírito de nacionalidade dos paranaenses, auxiliar esta formação nacional, patriótica e passar aos leitores como se deu a formação do Estado, os nomes que o fizeram progredir, bem como o

quanto essa terra tem belezas naturais e construídas e, sobretudo que eles deveriam respeitar e defender seu Estado, sua terra, para que pudessem viver em um mundo mais civilizado, educado e unido. Não poupou para isso de referir-se ao estado de forma idílica e romanceada.

Pode-se perceber nos assuntos tratados por Rocha Pombo em seu livro, o quanto a obra exalta nomes e bem feitorias no decorrer da criação do Estado do Paraná, nomes que fizeram a educação, a economia, as estradas que permitiram a viação e o acesso adequado às terras vizinhas, a criação das cidades e do comércio dar certo, “heróis” da história do Paraná que devem ser exemplos a serem seguidos, respeitados e reconhecidos.

Enfim, considerou-se a obra “O Paraná no Centenário” como propícia para representar o Paraná naquele momento, sendo capaz de confirmar e fortalecer no paranaense o orgulho nacional e patriótico e confirmar a gratidão dos habitantes do Paraná para com Rocha Pombo, por ter registrado tais acontecimentos que marcaram a história do estado paranaense.

Referências

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; Westphalen. **História do Paraná**. V. 1. Curitiba: Gráfiar, 1969.

BEZERRA, Claudeceia L. de A.. **Lourenço Filho e o “Guia” para os mestres brasileiros do século XX**. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

BONA JÚNIOR, Aurélio. **Educação e modernidade nas Conferências Educacionais da década de 1920 no Paraná**. 2005. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2005.

CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. A grande imigração européia para o Brasil e o imigrante espanhol no centro da cafeicultura paulista: aspectos de uma (in)visibilidade. **Saeculum: Revista de História**. João Pessoa, vol. 11, 155-136l, dez, 2004.

CAMARGO, João Borba de. **História do Paraná: A República 1889-2002**. Maringá: 1ª Edição, 2006.

Dicionário histórico - biográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991. 654p.

FERREIRA, Susana da Costa. **A I Conferência Nacional de Educação** (Contribuição para o estudo das origens da Escola Nova no Brasil). 1988. 335f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1988.

GALTER, Maria Inalva. **Educação Pública e Modernidade Social no Brasil na Conferência de educação de 1927**. 2002. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MACHADO, Brasil Pinheiro. Rocha Pombo. In: POMBO, José Francisco da Rocha. **O Paraná no Centenário: 1500-1900**. 2. ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

MAGALHÃES, Marion Brepohl. **Paraná: Política e governo**. Curitiba, SP: SEED, 2001.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A Primeira Escola de Professores dos Campos Gerais – PR**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2008.

PILOTO, Valfrido. **Rocha Pombo**. Curitiba: Gráfica Mundial, 1953.

POMBO, José Francisco da Rocha. **História do Paraná**. São Paulo: Editora Proprietária, 1929.

POMBO, José Francisco da Rocha. **O Paraná no Centenário: 1500-1900**. 2. ed. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

SAVIANI, Demerval. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SCHMIDT, Maria A. M. dos S. **Infância: O Sol do Mundo** A Primeira Conferência Nacional de Educação e a Constituição da Infância brasileira. Curitiba, 1927. 1997. 216f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

TRINDADE, Etelvina M. de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 3. ed. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1972.